

# humanitas

Vol. III

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLUME III



**COIMBRA**  
MCML - MCMLI

nuit, quod ia Caesaris caput Mamurrae eventus recidit, Pompeius minus vituperatione dignus erat. Poeta autem noster Noctuinum magis noxium esse duxit, quamquam nos causa latet. An invidia?» Può trattarsi di un semplice caso, probabilissimo nelle citazione di un verso proverbiale. Ma è degno di nota che in Luc. 4, 802 (*et gener atque socer bello concurrere iussi*) si ritrovi, senza necessità metrica, 10 stesso ordine che è nei *Catalepton* (1)5 il che conferma quanto avesse torto 10 Spengel di restituire l'ordine catulliano nel nostro verso. Dalla concordanzá fra i *Catalepton* e Lucano si può dedurre forse che la trasposizione *gener socerque* apparteneva alia tradizione 'proverbiale' del verso.

S CE VOLA MARIOTTI.

RUY MAYER — *As Geórgicas de Vergílio. Versão em Prosa dos Três Primeiros Livros e Comentários de Um Agrónomo.* Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1948. 415 pp.

Virgílio é perfeitamente actual. Despertou sempre o carinhoso interesse dos artistas e dos homens de ciência, ontem como hoje, no estrangeiro e entre nós. Agora é um agrónomo dos mais distintos, o Prof. Rui Mayer, catedrático de Hidráulica Agrícola do Instituto Superior de Agronomia e bem conhecido dos leitores de *Humanitas*, que se abalança a traduzir os três primeiros livros das *Geórgicas* (do quarto apenas lhe interessou dar excertos), enriquecendo esta versão com as finas e eruditas observações que lhe dita a sua experiência de especialista dos estudos agronómicos.

É como agrónomo que o ilustre A. em especial estuda Virgílio, pois este «encerra, na encantadora harmonia dos seus hexâmetros, um verdadeiro tratado de agronomia» (p. 10). Preferiu assim elaborar uma tradução sua, não se cingindo às outras, que achou demasiado literárias, por afastados os tradutores do meio agrícola. Mesmo a do vicultor borgegnês Billiard lhe não agradou em tudo. Urge que se actualizem os aspectos técnicos, de harmonia com o avanço das ciências. E ainda se não fez, como afirma, o confronto entre os métodos da agricultura

(1) Mart. 9, 70, 3 (*cum gener atque socer diris concurreret armis*)  
ricorda Lucano.

romana com os da portuguesa, directa descendente daquela (p. 12). Assim aponta e discute essas afinidades, que em geral escapam aos comentadores ingleses, alemães, franceses ou italianos.

Escolheu «apenas os três primeiros livros..., que versam as grandes secções da ciência agronómica — agricultura geral, agrologia, arboricultura, zootecnia — formando um corpo de doutrina homogéneo, e que tratam estes capítulos fundamentais com surpreendente sagacidade e avisado espírito científico». Quanto ao quarto livro, transcreveu somente «a encantadora vinheta do velho agricultor de Corício», pois «a apicultura não tem importância comparável à dos outros assuntos, e muitas das ideias de Virgílio estão eivadas de erros, alguns dos quais, aliás, só no século xvii, ou mais tarde, se rectificaram. Literariamente admirável, valorizada pelo longo episódio de Aristeu, a *Quarta Geórgica* é, do ponto de vista técnico, de muito menor interesse do que as precedentes» (p. 20).

A parte literária só episodicamente preocupa o A. O seu objectivo é outro. É preciso não o esquecer, ao apreciar esta obra curiosa e oportuna(f). Procura sobretudo, e pode dizer-se, sem sombra de dúvida, que o consegue, «dar aos agrónomos portugueses uma visão da agricultura antiga — nuns pontos tão afastada, noutros tão próxima da moderna — e, ao mesmo tempo, reacender no seu espírito a admiração por Virgílio, cuja mensagem à gente enfronhada na labuta agrícola é hoje tão actual como há dezanove séculos».

O sumário da obra é o seguinte: depois de longo prefácio, seguem-se o texto e a tradução, lado a lado, respectivamente nas páginas par e ímpar, dos livros I, II, e III e de excertos do livro IV, as notas e o estudo de alguns assuntos agrícolas versados nas *Geórgicas*, com a devida remissão.

É notável a proficiência técnica com que o distinto agrónomo trata estes assuntos relacionados com o seu sector especializado. A prosa é geralmente fácil e correntia. Todavia, a tradução em si, no aspecto da fidelidade ao ideal virgiliano da beleza estética, bem como a transcrição de vocábulos gregos e latinos, e certos lapsos, porventura devidos à revisão, na grafia de vocábulos portugueses, sugerem-me alguns reparos, que se limitarão a focar um ou outro exemplo.

Abramos no l. II das *Geórgicas*, e detenhamo-nos nos versos 136-176, que constituem o tão belo e justamente celebrado «elogio da Itália».

(1) O A., aliás, refere com encantadora singeleza a sua qualidade de não especialista dos estudos da erudição clássica,

O A. serviu-se do texto estabelecido por Hirtzel, na *Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*. Pena foi que não tivesse preferido um texto mais actualizado, mais seguro, como o da Colecção das Universidades de Franca (Budé) ou o dos *Scriptores Graeci et Latini* da Academia de Itália.

No v. 136, a tradução que nos apresenta o Prof. Mayer, «Mas nem as florestas da Média, terra opulenta», baseia-se em defeituosa pontuação: *Sed neque Medorum siluae, ditissima terra*. A pontuação deve ser outra: *Sed neque Medorum, siluae ditissima, terra*. *Siluae* é genitivo complemento de *ditissima*, e assim deve traduzir-se, como alias fez Goelzer: «Mas nem a terra dos Medos, tão rica de bosques», ou «riquíssima de bosques».

No verso seguinte, *pulcher Ganges* pode ser traduzido, e bem, por *o belo Ganges*; e no outro, *certent* ficaria mais bem vertido por *competiriam* ou *rivalizariam* (conjuntivo potencial) do que pelo indicativo *rivalizam*.

Uma das mais notáveis características da arte virgiliana é a maravilhosa variedade, que pode levar a empregar lado a lado, valorizando-se assim muito mais a beleza da comparação, o nome de uma cidade, o nome de um povo no plural, o nome de uma região. Assim, nos vv. 1383!-g, *non Bactra, neque Indi / totaque... Panchaia*, devemos entender: *nem Bactros, nem os Indos, nem toda... a Pancaia*. Respeitar na tradução estas metonímias poéticas impõe-se e contribui para uma fidelidade e exactidão maiores.

No v. 147 deve traduzir-se *tuo perfusi flumine sacro* por *banhados no teu sagrado rio*. Clitumno é não só o rio, mas também a divindade desse rio, e no passo em questão alude-se ao deus e não ao acidente geográfico.

Mais adiante, no v. 152, pode condensar-se a tradução por este modo: *as ervas venenosas (os acónitos) não enganam os que as apanham*.

No v. 158, a tradução de *supra* e de *infra* por *nascente* e *poente* é uma explicação, e não uma tradução propriamente dita; deve antes dizer-se: *ao norte e ao sul*.

Nos vv. 15g-160, uma tradução como *e de tí, Benaco, a levantes-te em ondas e em rugir de mar*, seria mais compatível com o texto latino e teria, além disso, a vantagem de evitar os cacófatos existentes em *e tu, Benaco, que levantas vagas como o mar e ruges como ele*.

No v. 165, *filões de prata*, a traduzir *argenti riuos*, está longe da ideia de rio. Preferível *arrosios de prata*, que mais se aproxima da ideia expressa pelo Poeta.

E, para concluir esta breve exemplificação, no v. 170, em *duros bello*, parece antes dever considerar-se *bello* como ablativo de instrumento: *endurecidos com a guerra*.

Em matéria ortográfica há margem também para várias observações. Na p. 13 lê-se *trás*, em vez de *traj*, na p. 145 *ra^ão porque*, na p. 381 *mesquinhês*, em vez de *mesquinhef*.

Apontaremos, em breve lista, alguns exemplos de incorrecções de acentuação ou de forma, referindo-nos apenas a substantivos próprios ou a adjectivos de base onomástica: *Pan*, em vez de *Pa*, em 1, 17; *Celas*, em vez de *Quelas* (lat. *Cheias*, 1, 33); *Eliseos*, por *Elisios* (*Elysios... campos*, i, 38); *o Gárgara*, em vez de *o Gárgaro* ou *os Gárgaros* (1), em 1, 103; *do Celeu*, em vez de *de Céleo* (*Celei*, 1, 165); *da Pelúsia*, em vez de *de Pelúsio* (*Pelusiaca. . . lentis*, i, 228) ; *Rifeias*, em vez de *rifeias* (*Riphaeas. . . arces*, i, 240) (2); *de Caistro*, em vez de *de Caístro* (*Caystri*, 1, 384); *Sila*, por *Cila* (*Scylla*, 1, 405); *Filipi*, por *Filipos* (*Philippi*, 1, 490); *Hemátia*, por *Emátia* (*Emathiam*, 1, 492); *Ismaro*, por *Ismaro* ou *Ismaros* (*Ismara*, 11, 37) (3); *Metímneo*, por *metímneu* (*Methymnaeo. . . [de palmitê]*, 11, 90) ; *do Mareotís*, em vez de *da Mareotide* (*Mareotides* [uítês], 11, 91); *Clituno*, por *Clitumno*/*Clitunne*, voc., 11, 140); *Laris*, por *Lário* (*Lari*, voc. de *Larius*, ii, 159) ? *Acerra*, por *Acerras* (*Acerrae*, de que *Acerris*, 11, 225, é o ablativo); *Taigeto*, em vez de *Taigeto* ou *Taigetos* (*Taygeta*, 11, 488) (4) ; *Busiris*, por *Busiris* (*Busiridis*, gen., ni, 5); ie *Idumea*, por *de Idumeia* (*Idumaeas... [ç7ç'/raas]*, ni, 12) ; *os Partas*, em vez de *o Parto* (*Parthum*, m, 31); *Tros*, em vez de *7>os*; *Cócito*, por *Cocito* (*Cocytí*, gen. de *Cocytos*, ni, 38) ; çe ^4ra/cfeza. por çe *Amidas* (*Amyclaei. . . [Po//i/c/s]*, m, S9) ; çe *Polux*, em vez de çe *Pólux* (*Pollucis*, no mesmo verso) : *Cílaro* e ie *Sílaro*, em vez de *Cílaro*

(1) Em latim *Gargaron* ou *Gargarus*, -i, donde *Gárgaro* em português, e *Gargara*, -orum, donde *Gárgaros*. Preferível decerto a forma *Gárgaro*, segundo o modelo de *Tártaro*: corresponde este nome a *Tartaros* ou *Tartarus*, -i, não se usando, porém, *Tártaros* em correspondência com *Tartara*, -orum.

(2) 'Os adjectivos derivados de nomes próprios escrevem-se em latim com inicial maiúscula; não assim, porém, em português, pois o não consente o nosso sistema ortográfico. Todavia, este uso indevido das maiúscuas é frequente no livro em análise.

(3) Caso idêntico ao de *Gárgaro*, *Gárgaros* : em latim *Ismarus*, -i, que dá *Ismaro*, e *Ismara*, -orum, que dá *Ismaros*.

(4) De *Taygetus*, -i, faz-se *Taigeto*; de *Taygeta*, -orum, faz-se *Taigetos*. Cf. os casos de *Gárgaro*, *Gárgaros*, e *Ismaro*, *ismaros*.

e de *do Silaro* '(Cyllarus., m, 90, e *Silari...* [lucos], m, 146) ; *do Tanagro*, em vez de *do Tanagro* (*Tanagri* [;ripa], m, 151); de *Inaco*, por ie *Inaco*, (*Inachiae..* [â/i/e/icae], 111, 153); ie *Pôtnia*, em vez de ie *Pôtneas* (*Potnia- zes..* . 11r, 268, de *Potniae, -arum*); *Meôtida*, por *tneôcia* (*Maeo- tia*, m, 349) *filho de Filira*, em vez de *filho de Filira* (*Philyrides*, m, 550, de *Phillyra, -ae*)>

Lêem-se ainda nomes como *Servius* e *Macrobius*, que na tradição dos humanistas portugueses são *Servio* e *Macrobio*.

Entre os nomes comuns apontaremos: *conturnos*, p. 61, em vez de *coturnos* (lat. *cothurnus* ou *coturnus*, gr. κά&ορνος)

Também nem sempre são correctamente transcritos os vocábulos gregos Na p. 220 fala-se de uma forma ática εώος, correspondente à iónica e poética νῖωος : deve ser εωος. Na p. 236, *πλανάσται*, «errar», «vaguear», está por *πλανασθαι*. Na p. 244 lê-se *suipai* [άλκουνί^ες], por *r^uspai*. O v. 643 de *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo, erroneamente transcrito na p. 323, é o seguinte :

Νῦν ὀλιγγιν αἰνεῖν, ὕεγάλγ! δ^'ενῖ φορτία ^εσ3\*α1-

A expressão *ποιιχχν & άπ^ Ααφρισοῦ*, na p. 339, «está por *ποιαη ὁ απ^ Αμφρύσου*. O nominativo é "Αυ,φρρσος. Bastaria *pastor ab Amphryso* para colocar o A. no devido caminho.

Os reparos formulados nesta recensão, baseados em exemplos recolhidos aqui e ali, não me inibem de reconhecer o merecimento e utilidade da obra. Todavia, a maior fidelidade ao texto e à correcção das formas só valorizaria trabalhos desta natureza. Isto, porém, não impede que ao Prof. Rui Mayer devam ficar os humanistas reconhecidos pelo interesse que manifesta por este autor antigo, de cuja perenidade testemunha, e por uma obra — as *Geórgicas* — que ele desejaria fosse para o agrónomo «um livro de cabeceira, companheiro de todos os dias, incentivo sempre presente para avivar o seu amor à terra, mais próprio do que nenhum outro para lhe dar consciência da beleza e da dignidade da sua profissão» (p. 2 1).

A edição, tipográficamente cuidada, é da Livraria Sá da Costa e faz parte da colecção agrícola intitulada *A Terra e o Homem*, 10.ª secção: «A Vida Rural na Arte e na Literatura».